

Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneo

Maria Isabel Edom Pires¹

Um dos traços mais marcantes da segunda metade do século XX, no que se refere à cena pública, foi, segundo Edward Said (1997, p. 407), a oposição ao princípio do confinamento a que o Estado moderno submete a vida dos cidadãos no intuito de quantificá-los, ordená-los e mantê-los sob controle. Isso foi manifesto por intermédio de grandes intervenções na cena pública, de gestos e cenas que fizeram circular uma energia libertadora, escapando ao controle estatal, tal como aconteceu nas décadas de 1960 na Europa e Estados Unidos e no mundo oriental na década de 1980, como ensina o autor. A par das diferenças ideológicas que essas manifestações guardam entre si, elas têm em comum a oposição ao confinamento. Quando menciona a geração de um número considerável de refugiados, imigrantes, deslocados e exilados também como um dos traços mais marcantes e lamentáveis da nossa época, Said enfatiza o descentramento de energias, o desabrigo e o exílio decorrentes desses processos como o resultado da oposição ao confinamento e – conforme sua principal tese – da devastação do imperialismo. É dessas forças descentradas e desabrigadas que emerge o intelectual entre dois mundos, e é também delas que nasce o contorno de uma figura que nos é cara: a encarnação do migrante.

Indagar sobre o descentramento dessas energias e sobre o lugar do intelectual entre dois mundos hoje, considerando processos históricos diversos, sugere alguns exercícios, como o de ler a literatura pensando nos sentidos dos deslocamentos dos próprios autores e de seus personagens. É nessa perspectiva que a leitura da literatura brasileira contemporânea tem indicado movimentos de saída diferentes, que talvez nos digam sobre “consciência” e “encarnação”, nos termos de Said, ou sobre um maior ou menor grau de documentalismo das viagens e, afinal, sobre essa já, pode-se dizer, “vertente” da literatura brasileira, a dos deslocamentos.

¹ Doutora em letras e professora de literatura brasileira na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: isabel@unb.br

A viagem em três momentos da cultura brasileira

Na cultura brasileira, a figura do viajante foi sendo fixada fortemente como a do viajante-naturalista, aquele que, vindo do continente europeu, cumpria tarefas como a de registrar, catalogar, coletar elementos da terra a fim de sistematizar todo um conhecimento sobre o território. Em comum, eles possuíam o gosto pela experiência estética que a viagem científica – ou seja, que a presença *in loco* – pode proporcionar à ampliação do conhecimento.²

Se a finalidade era descrever novas paisagens, os naturalistas-viajantes fizeram uso de recursos pictóricos que informam pitorescamente sobre o Brasil oitocentista. Também, nas suas descrições recorreram a citações literárias no caso das narrativas de viagens, sempre com a finalidade de dar a conhecer melhor os fenômenos naturais encontrados.

O estudo de Flora Süssekind, *O Brasil não é longe daqui*: o narrador, a viagem, aponta um começo histórico para a prosa de ficção no Brasil justamente no diálogo com os periódicos, com o ritmo do romance folhetim e especialmente com a literatura não ficcional de viagens e com o paisagismo (Süssekind, 1990, p. 20).

No século XIX, o romance fixará um tipo de viajante mundano, o do estudante que sai do Brasil para estudar na Europa, financiado pela fortuna familiar. Sua presença na literatura dar-se-á pela ausência na trama, ou seja, sua figura como viajante é motivo de conversação e lembrança. Quando retorna, esse personagem volta a movimentar o enredo, exibindo ilustração, boas maneiras, belos costumes, não raro dilapidando a fortuna familiar e, em muitos casos, casando com a personagem feminina que ficou aqui. Trazendo na bagagem ideias

² Lorelai Kury, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, destaca que esses viajantes além de assumirem o risco da viagem ainda submetiam a própria reputação como cientistas, visto que não havia unanimidade quanto à valorização do trabalho do viajante. Ela aponta para uma variedade de profissionais cujas tarefas tornaram-se cada vez mais especializadas na medida mesmo da formação da viagem científica: jardineiros coletores, desenhistas e pintores especializados em história natural, preparadores de animais (que conheciam os procedimentos de conservação e empalhamento), todos eles capazes de fazer parte das expedições junto aos naturalistas, porque necessários (Kury, 2001, p. 865-66). Essa tipologia nos mostra inclusive a permanência desse tipo de viajante na literatura brasileira contemporânea.

liberais, esse viajante, quando retorna, quer construir um Brasil nos moldes europeus.³

Outra imagem recorrente tanto da literatura quanto das artes plásticas e do cinema é a do imigrante do século XX, aquele que chega em navios de grande porte e desembarca portando malas, caixas, baús e instrumentos de trabalho. Nas artes plásticas no Brasil, uma tela que exemplifica bem esse período é a do pintor italiano Antonio Rocco, estabelecido no Brasil. A obra, *Os emigrantes*, de 1910, pertencente hoje à Pinacoteca do Estado de São Paulo, apresenta a saída de uma família (cinco adultos, duas crianças) do cais de Imma Colatella, em Nápoles, levando objetos como trouxas, um cesto e objetos de trabalho. Na literatura, esse momento foi mais bem reunido da década de 1980 do século XX quando são publicados romances como *República dos sonhos* (1987), de Nélida Piñon; *O quatrilho* (1985), de José Clemente Pozenato; e *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, para citar alguns. São obras que procuram inventariar a chegada desses imigrantes e fixam a imagem desse viajante como aquele que vem em busca de trabalho e estabelecimento. Fixa-se a imagem de um Brasil em construção, com o apoio do imigrante europeu.

Ao mundo racional, ordenado do viajante-naturalista, ao doce mundo das viagens do personagem jovem e mundano do século XIX, ao mundo sacrificado e laboral do imigrante do início do século XX, contrapõe-se a figura contemporânea do viajante fora das regras, libertário e muitas vezes anônimo da literatura brasileira contemporânea.

A viagem como tendência da literatura contemporânea

Idelber Avelar, ao tratar da obra de João Gilberto Noll, destaca que ela pertenceria aos rastros da síntese de outras três tendências na literatura brasileira: a primeira seria a poética da negatividade, em que a linguagem é levada a seus limites mais extremos; a segunda, a “estratégia pós-moderna”, aquela que apaga os limites entre as culturas erudita e de massas; e a terceira, a tendência de incorporação de material não ficcional, a de uma aproximação maior com o documentalismo.

³ Pensar em um segundo momento importante da crítica em que Roberto Schwarz (1988) estuda a obra machadiana e destaca os desajustes entre o solo escravista em que vive a elite brasileira e a transposição das ideias do liberalismo europeu.

O que aconteceria quando o que empurrasse a literatura já não fosse o desejo de sintetizar – restaurar, recuperar – e sim o de dissolver? Se os projetos descritos têm o objetivo comum de restaurar narrabilidade à experiência, pode-se imaginar um projeto completamente alheio a tal empreitada? Se a literatura se rende ao seu divórcio da experiência, se o aceita como um dado, quais tarefas seriam para ela ainda colocáveis? Por estas portas entramos na ficção de João Gilberto Noll (Avelar, 2003, p. 216).

Paloma Vidal fala de uma versão contemporânea do *Bildungsroman*. A viagem, segundo ela, não facilitaria o encontro do eu, mas encaminharia o personagem ao estranhamento e à deformação (Vidal, 2012, p. 306).

O que os estudos apontam é para uma discussão sobre se a viagem contemporânea guarda algum tipo de ensinamento. O romance contemporâneo apresentaria uma quarta via, a de se divorciar da experiência.

Na literatura contemporânea, *Lorde* (2004), de João Gilberto Noll; *Algum lugar* (2009), de Paloma Vidal; *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa e *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato, mostram dois aspectos sobre o tema que variam em gradação: na consciência do exílio e no contato com a clandestinidade. Pergunta-se aqui quais emigrações se delineiam, qual imagem do Brasil se concretiza (ou se apaga) e quais exercícios o narrador realiza.

Versões da consciência intelectual

No livro de Noll, desde a epígrafe de Iain Sinclair, extraída de *London Orbital*, anuncia-se o périplo pela cidade e o senso de transgressão que ele comporta. Em primeira pessoa, o romance fala de um escritor que viaja para a cidade de Londres a convite de uma instituição inglesa. Hospedado em um apartamento em Hackney por um inglês que representa uma universidade, o personagem que não tem nome passa a vagar pela cidade e experimentar um frenesi por lugares transitórios e por uma vida que o empurra para a clandestinidade.

No percurso, o personagem, que não consegue apresentar-se para a finalidade para a qual viajou, sente a necessidade de responder a que foi e anseia por liberdade. Vai se delineando um apego pelo desapego. O personagem não é um emigrante qualquer. Não viaja atrás de uma

quimera, de uma formação, de uma vida nova: casa, família, conforto: “Crédulo, vim atrás de um vendedor de ilusões que, por alguma razão que eu precisava descobrir, tinha escolhido a mim como herdeiro da quimera britânica” (Noll, 2004, p. 51).

Também indaga sobre seu lugar: “Eu queria ter a minha função” (Noll, 2004, p. 64), que é uma forma de indagar duplamente sobre sua função como escritor e sobre seu lugar como estrangeiro.

Aparece uma cidade sob a sua perspectiva: a de alguém fora de lugar, de passagem. São mencionados os imigrantes, os que, segundo o narrador, habitam lugares fora dos mapas turísticos. Assim, reconhecendo, no mínimo duas cidades, o personagem de Noll, habitando esse lugar estranho, distante do centro turístico e cultural tradicional da cidade, afirma:

sabia que eu teria de prestar contas algum dia a alguém por estar ali, na cidade de Londres, esperando um inglês que me daria uma tarefa assim que terminasse seu compromisso de uma hora e pouco, nem se por enquanto essa tarefa fosse apenas a de me dirigir para o bairro de Hackney – um bairro que eu sabia longínquo, ao norte de Londres, de imigrantes vietnamitas, turcos, já fora dos mapas da cidade que costumam propagar *folders* turísticos (Noll, 2004, p. 15).

Preferi mesmo estar em casa em Porto Alegre, não ter de continuar o caminho, arrastar aquelas malas sabe Deus até aonde ainda, até o subúrbio mais afastado da cidade, reduto da imigração mais desprovida do fausto daqueles prédios da área central de Londres que eu avistara vindo de Heathrow, pelo rabo dos olhos (Noll, 2004, p. 17).

Cada vez mais afastado de Porto Alegre, cidade que deixou, o personagem ronda por Londres, vai para um hospital, deixa-se ficar no apartamento de Hackney em estados eróticos e letárgicos até presenciar, apoteoticamente, o suicídio do inglês. Quer e não quer ser assimilado, encarna o escritor dividido entre duas nacionalidades, escritor migrante, enfim. Interpreta, pois, outra identidade, não a que deixou no Brasil nem a que ainda não adquiriu na Inglaterra, mas outra, diversa, dual, porque não, ainda clandestina. Dessa forma, seu relato dissolve a experiência do sujeito uno, que pertence a uma nacionalidade e indica um olhar que se divide entre duas cidades e duas línguas.

Tudo o que eu vivera até ali parecia estar indo embora. Parecia só existir aquilo, uma língua nova, uma língua velha que tão cedo assim já me parecia faltar em sua intimidade, a não ser, é claro, as noções gerais – ou, quem sabe, o socorro que ela ainda proporcionaria pelo menos para mim em casos extremos, como o de estar à morte e pronunciar uma palavra cara da infância, dessas que talvez você nem desconfie que ainda tenha dentro de si, que irrompa apenas quando todo esse palavrório inútil de agora se afasta até o ponto de reemergir o brilho daquela bisonha saudade em uma, duas sílabas (Noll, 2004, p. 17).

Andávamos pela noite de Mare Street no bairro de Hackney com muito vento, frio, passando por sua população de africanos, caribenhos, vietnamitas, turcos; queria me mostrar o Victoria Park, que ele mesmo não conhecia (Noll, 2004, p. 17).

Em meio a essa multiplicidade de etnias, o Brasil vai se tornando uma abstração. Em Porto Alegre aloja-se o passado. O presente, vive-o nesse lugar provisório, melhor, na precariedade de sua condição de estrangeiro. São sintomáticos, por óbvios, os lugares ou, na acepção de Marc-Augè, os não lugares que frequenta e que dificultam o estabelecimento de comunicação: aeroporto, museus, ruas, hospital.

Não é apenas do Brasil que o narrador de Noll quer se afastar. O Brasil virou uma imagem distante. Ele quer se afastar de qualquer ponto fixo, de qualquer quimera, de solidez, casa, relacionamento e trabalho.

Eu pediria por uma conferência, apenas uma, mostraria a ele e a toda a audiência como estava atualizado com todas as pulsões brasileiras – o que era mentira, sei, pois já não lembrava direito de onde tinha vindo, o Brasil naquelas alturas se insinuava em pura abstração; eu conhecia mesmo era o caminho da Oxford Street [...] (Noll, 2004, p. 29).

[...] ah, sim, era desse Brasil que eu precisava falar, desse que eu acabo de desconhecer e divido com os senhores (Noll, 2004, p. 30). Para mim eu fora sempre de Londres, não havia outra cidade, outro país. Podia afogar com minhas próprias mãos a criança que preferira continuar contando os dias e se afogar, quando voltasse a única imagem de minha infância no Brasil (Noll, 2004, p. 36).

Em Liverpool, cidade onde experimenta a clandestinidade, a condição de mendigo, de ser errante e todas as suas variantes, ele é reconhecido. Vem à tona novamente o convite para adquirir sua

identidade brasileira por intermédio da língua. Uma professora da Universidade da Cidade de Liverpool o reconhece e faz um convite para lecionar língua portuguesa. Entretanto, “tomado por uma sede de não ser nada” (Noll, 2004, p. 104), ele, afinal, encontra um estivador com quem mantém o relacionamento do final da obra.

Em comum com *Lorde*, a obra *Algum lugar* (2009), de Paloma Vidal, apresenta a personagem na sua chegada a um aeroporto na abertura do livro. Também em comum a mesma sensação de instabilidade. Também em comum a literatura.

O livro se organiza em três partes, em que se os personagens se encontram em Los Angeles, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Na primeira delas aparece a chegada da personagem e de seu companheiro a Los Angeles, onde vão estudar. É nesse momento que a estrangeiridade vai se apresentando na forma de percorrer a cidade a pé. O texto, narrado em primeira e terceira pessoas, apresenta ainda reflexões sobre a viagem, separadas graficamente como em:

Será nossa viagem mais uma versão do sonho americano? (Vidal, 2009, p. 23).

Nunca compartilhei com minha mãe a vontade de conhecer lugares novos. Por que viajar? Onde minha mãe via desafio, para mim havia só retração; pessoas que jamais conheceria, línguas que não entendia, paisagens opacas. Fiz a pergunta a M. e ele respondeu, com seriedade: isto não é uma viagem, é uma mudança (Vidal, 2009, p. 26).

Você diria que é um imigrante? (Vidal, 2009, p. 48).

Também se pode anotar o quanto é difícil a aproximação com os outros estrangeiros. A narradora mantém uma amizade com uma colega coreana que fala espanhol. O entendimento entre elas, entretanto, resta dificultado.

Com frequência se queixa deles, mas também nesse caso, como nas conversas que temos sobre literatura, o que ela pensa acaba não ficando claro para mim. Não se trata exatamente de ambiguidade, pois ela parece estar bem certa do que acredita. É algo nas explicações que gera uma incompreensão, algo no encontro entre o espanhol dela e o meu, uma espécie de curto-circuito. A própria Luci parece partir do princípio de que não vou entender; mas isso, ao invés de incentivá-la a falar mais, como

acontece comigo, que sempre tenho a sensação de ter me estendido demais, alimenta uma hesitação (Vidal, 2009, p. 69-70).

A primeira parte, denominada “Los Angeles”, por sua vez, dividida em três partes, encerra-se com a partida para o Brasil. É nesta etapa que ela presenteia um amigo com o livro de João Gilberto Noll. *Lorde* seria o ponto de interseção entre os dois. A narradora chama novamente pelo conteúdo da obra de Noll por meio da citação da página inicial em que ainda no aeroporto o narrador vislumbra dois tipos de pessoas, os que não param de se movimentar e os que “costumam esperar os viajantes como se não tivessem mais nada a fazer além de aguardar sedentariamente” (Noll, 2004, p. 9) os outros. Por razões de ordem prática, ela precisa entregar o apartamento e permanecer uma noite, o que o faz na casa de Luci, onde mais precisamente o estranhamento irá se aguçar. É ali que o curto-circuito cultural se intensifica e marca a distância entre as duas, primeiro porque é instalada na casa dos pais da amiga como uma clandestina, depois por ser acusada por ela de egoísmo e de ser incapaz de se colocar no lugar do outro.

A segunda parte centra-se no Rio de Janeiro e na experiência da maternidade. O livro de Paloma aponta para o futuro em algum lugar, expressão pronunciada pelo filho na terceira parte, intitulada “Los Angeles”, em referência a um cinema de Buenos Aires onde se passa essa fase. No cruzamento das três cidades, a protagonista, como em *Lorde*, desvincula-se de algumas quimeras. Não é possível, entretanto, deixar de destacar uma trajetória feminina – casamento, gravidez, separação, carreira – entrevista aqui sob uma perspectiva itinerante, meio clandestina, na qual não se instalam raízes e qualquer índice de solidez estará fora nas relações que os personagens estabelecem com as cidades que se encontram.

Já na obra de Adriana Lisboa, *Azul-corvo* (2010), o caminho é em busca do pai. Vanja, como a personagem da obra de Paloma, também viaja para os Estados Unidos, onde encontrará aos poucos fragmentos do passado que pertenceu aos pais e ao país. Há um movimento permanente da sua história pessoal e, por essa via, de uma história coletiva.

Sendo o imigrante aquele que sempre precisa validar sua presença por meio dos *papeles*, no livro de Adriana, o personagem Carlos, menino salvadorenho, somatiza os medos da falta de registros. Sua presença em território americano será sempre a de quem se sente viajante mesmo estando em um lugar só, sempre a de quem precisa negar sua identidade

primeira para afirmar uma nova identidade, que faz parte do sonho que impulsionou a viagem. Será com ele, o imigrante salvadorenho, que a protagonista irá morar no início da fase adulta, concebendo um novo modelo familiar e consolidando uma relação de amizade iniciada na adolescência em meio aos contatos iniciais com outros imigrantes.

A clandestinidade alcança duas vias, a da família de Carlos, que vive certo período sem papéis, e a da lembrança da história do país, recortada no período da ditadura militar e da guerrilha do Araguaia.

Versão do emigrante

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), Luiz Ruffato apresenta o depoimento de um personagem, Sérgio de Souza Sampaio, que, conforme informa a “nota” de apresentação, assinada por L. R., foi gravado em quatro sessões nos sábados de julho de 2005. A narrativa, portanto, afirma seu caráter oral, traduzido pela linguagem mineiramente regional.

O personagem fala de um lugar concreto: o interior de Minas Gerais, construído no texto a partir dos seus limites geográficos e sociais. Sendo este o estatuto do texto, o do depoimento, outro personagem edita a fala e é o depositário dessa experiência, cujo conteúdo diz “essa é a minha história de viagem” ao contar “como parei de fumar” e “como voltei a fumar”, conforme se intitulam as duas partes em que o romance é dividido.

Além da nota, há ainda duas epígrafes, uma do grupo *Xutos e Pontapés*, em cujos versos anuncia-se a Lisboa do esquecimento, e outra de Miguel Torga, em cujos versos vê-se a ideia do Brasil, como o cais da infância, “cais do lado de lá do meu destino” (Ruffato, 2009, p. 11) e a partição entre dois lugares, “o chão encontrado e o chão perdido” (Ruffato, 2009, p. 11).

Na primeira parte, afigura-se a desilusão com o Brasil e a partida. O narrador refere-se à cidade mineira onde nasceu, aos motivos (nunca é um só) pelos quais o personagem sente-se desencantado, desesperançado e organiza, afinal, de forma rudimentar, sua viagem. Sendo rudimentar essa organização, porque feita a partir de um olhar interiorano, não o é, entretanto, no relato do narrador que põe o que é da natureza do aleatório, aqui organizado a partir das sucessivas perdas, desenhando, assim, a emigração malsucedida.

É a parte em que Cataguases aparece como a cidade pequena e sem oportunidades, em que o casamento do protagonista desanda, a mulher adoce, ele precisa criar o filho, formando-se, assim, um conjunto de

motivos que o impulsionam para fora. Sérgio aponta para o abandono do vício do cigarro como o responsável pela má sorte. Carrega, entretanto, a responsabilidade pelo tratamento prescrito pelo médico, que o apresenta como um caso bem-sucedido. Não é apenas esse o peso que o protagonista carrega, ele também é pai, é a figura masculina que deveria prover a casa (há muitas ameaças e cobrança por parte da família da mulher) e, em escala mais ampla, tem a responsabilidade de “vencer na vida”.

Quando decide viajar, recebe o olhar admirado dos moradores da cidade. O sentimento diminui conforme ele vai adiando a viagem, fato que acaba exercendo pressão sobre sua decisão final. Já no ônibus que o levaria até a capital do estado, encontra uma senhora portuguesa, nascida na serra da Estrela. Essa personagem e o dono do bar, seu Oliveira, compõem a parte imigratória, os que vieram para o Brasil, mais jovens, em busca de oportunidades.

Portugal é assim descrito pelo dono do bar, única pessoa capaz de oferecer informações ao viajante:

O “momento é de reconstrução”, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam asoberbados, “Escolhendo serviço”, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos (que é como eles chamam as pessoas de cor), e perguntei, simulando desinteresse, que profissões nossos patrícios desempenhavam por aquelas bandas, no que enfileirou pedreiro, bombeiro, eletricista, ladrilheiro, pintor-de-parede, motorista, garçom (os homens), arrumadeira, atendente de loja, manicure, cabeleireira, tomadeira-de-conta-de-criança e garçonete (as mulheres), com a vantagem de perceber salário em euro, “O lugar certo” pra quem não tem alergia a trabalho, e peguei matutando, caramba, passado dos trinta anos, e, refletindo bem, que de frutuoso entrevia pela frente?, “Eu vou é pra Portugal”, decidi (Ruffato, 2009, p. 26).

Portugal aqui é o porto de entrada para a Europa, sobretudo pelo acesso à língua. Para Sérgio, que nasceu no interior, também São Paulo seria um lugar estrangeiro. Ao se mudar para uma capital e para uma capital europeia, precisa lidar com códigos culturais diferentes. O choque de culturas se amplia, e, por vezes, o conflito interior/capital é atribuído à oposição nacional/estrangeiro. Estabeleceram-se alguns impasses em relação às cidades e seus contornos geográficos e culturais.

Na segunda parte, já em Lisboa, o personagem encontra-se em Madragoa, carregando consigo as marcas da estrangeiridade desde o

desembarque no aeroporto, quando diz “falei bom dia, nem respondeu, bateu um carimbo e mandou seguir, e já fui desgostando desse sistema” (Ruffato, 2009, p. 39).

Em cruzamento logo no início, surgem dois estereótipos: o olhar que ele lança para Madragoa, lugar de “uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em xales pretos, velhos de boinas de lã”, “sempre enfezados”, “respondendo as perguntas com irritação” (Ruffato, 2009, p. 39) e, por outro lado, o Rio de Janeiro, sobre o qual indaga a atendente do balcão de informações aparece nos seus suspiros: “Ah!, as praias, o povo, a música” (Ruffato, 2009, p. 40).

Outro português imigrante, no caso, retornado, aparece na figura do personagem Carrilho, aquele que, como os outros dois personagens mais velhos, imigrou para o Brasil criança: “desembarcou sozinho, de navio, com doze, treze anos” (Ruffato, 2009, p. 47), trabalhou muito, abriu uma padaria, amealhou algum dinheiro e, a passeio em Portugal foi, um dia, enganado por um compatriota. Vai para Portugal, depois de ficar viúvo, em busca dos parentes. Não os encontra mais. “Sem passado e sem futuro” (Ruffato, 2009, p. 49), mora no Hotel do Vizeu.

Encontramo-nos na hierarquia da imigração e dos movimentos de partida e regresso. Os mais velhos compõem o quadro de imigração para o Brasil. Os mais jovens, o de emigração, marcando a diferença entre os dois movimentos e realizando o encontro entre eles. A personagem Sheila, prostituta por quem ele se apaixona, é mais uma brasileira que foi tentar a vida fora do país. No encontro amoroso aparece uma história de vida de moça do interior de Goiás, pobre, sem futuro, que planeja juntar dinheiro para “um teto pra morar, um plano de saúde” (Ruffato, 2009, p. 66). Estigmatizada, “onde entrava, tratavam ela mal, aos **chutos e pontapés**, como se portasse *sida*, ou lepra” (Ruffato, 2009, p. 67, grifos no original).

É com ela que ele conhece outras cidades de Lisboa, a dos “cheiros” de “sardinha no calor e castanha assada no frio” (Ruffato, 2009, p. 67); a do metro, do comboio, do autocarro; dos monumentos históricos, “sítios bestiais” (Ruffato, 2009, p. 67), comparando-a com o Rio de Janeiro que conheceu na infância. Nesse encontro com Sheila e com outra cidade, ele se apaixona e propõe casamento. É aí que ela desaparece, propositalmente, como se vê, para depois reaparecer solicitando um favor. Conforme a história se encaminha para o final, aparecem outros imigrantes, agora de outra cidade, mais alguém daquela que ele

conheceu logo ao chegar, menos encantadora que a do encontro amoroso: a cidade clandestina que o recebe por intermédio de um angolano para quem vende o passaporte.

Em conversa com Rodolfo, outro brasileiro, ouve: “‘Nós estamos lascados, Serginho’, aqui em Portugal não somos nada, ‘Nem nome temos’, somos os *brasileiros*, ‘E o que a gente é no Brasil?’, nada também, somos os *outros*” (Ruffato, 2009, p. 78).

A partir daí a queda, como ele mesmo anuncia: “Desliguei o aparelho, relatei por cima a ocorrência pro seu Seabra, que acompanhava atento a agitação, farejando uma calamidade, subi, botei a luva, a touca e o casaco de lã, e despenquei *Madragoa abaixo*” (Ruffato, 2009, p. 74) e quando entrega, desajeitado, o passaporte ao angolano: “eu, pego de surpresa, afobei, e mesmo adivinhando que deslizava *barranco abaixo*, gaguejei, ‘Se... o caso... é sério...’ e, de pé, desajeitado, tratei de resgatar o meu próprio documento [...]” (Ruffato, 2009, p. 77, grifo no original).

A partir daí vive em outra cidade, a dos clandestinos, e, despedido do estabelecimento onde trabalhava como garçom, ombreado com um ucraniano, foge clandestinamente do Hotel Vizeu, voltando a fumar.

Lisboa permanece a terra estrangeira, estranha agora pelo rebaixamento do personagem na escala da cidadania. Cair na clandestinidade, viver sem papéis, significa perpetuar o medo de ser pego, estabelecer uma relação perigosa com a cidade, ocupar um lugar cambiante. Kristeva (1994, p. 13 e 15), quando anuncia a condição estrangeira, menciona que o estrangeiro possui um domicílio enquanto possui um plano e que seu espaço é um trem em marcha.

Perder o documento, o emprego, perder de vista a mulher por quem se apaixonou joga o personagem em uma rede descensional, a que o autor se poupa de dar continuidade. O romance não contém informações que o leitor não saiba, ou seja, que o referente, o processo emigratório, não tenha sido já explicitado. A emigração malsucedida ronda a imprensa, ronda as esquinas das grandes cidades, soma estatísticas, apesar dos encobrimentos e das ainda poucas discussões suscitadas.

Uma crônica de viagem emigratória, *Estive em Lisboa e lembrei de você* reúne os temas da imigração e da emigração, fala dos portugueses que chegaram e que partiram – os retornados –, mas quer, antes de tudo, enfatizar como vivem em um espaço cujo traçado é outro, como vivem aos chutos e pontapés os brasileiros, angolanos e outros imigrantes que viajam em busca de um lugar que não existe, esse lugar que varia

conforme as condições do mercado internacional, o mesmo mercado que impulsiona os sonhos de consumo e forma as estatísticas. Madragoa abaixo, Sergio some da Lisboa amorosa, da Lisboa que comparava com o Brasil da infância, portanto, a Lisboa da infância, “Agora sem o amparo da inocência” (Ruffato, 2009, p. 11).

Para finalizar

Em viagem, esses personagens esboçam paisagens rasuradas, distanciando-se do cenário pitoresco, da implantação das ideias liberais, da construção da nação, como a figura dos outros viajantes aponta. Fora, a consciência do exílio para o intelectual é acirrada, e a pátria é o seu esquecimento, o cruzamento de suas cidades com as outras, a sua história ditatorial, a sua falta de oportunidades. Fora, a clandestinidade aparece ora como gesto paradigmático do estrangeiro e do intelectual, como a consciência de viver entre dois mundos, tal como apontam Noll (2004) e Paloma (2009); ora como lembrança do passado de ditadura militar; ora como a perda dos registros em país estrangeiro como amargamente vivencia o personagem de Ruffato (2009). Entre a consciência do intelectual migrante e a sua encarnação; entre a vocação realista atualizada e a experiência pós-moderna, a literatura de emigração quer se afastar de certo mapa que a contrapelo insiste em reaparecer.

Referências

AVELAR, Idelber (2003). *Bildungsroman* em suspenso: quem ainda aprende com os relatos e viagens? *Alegorias da derrota*: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Tradução de Saulo Gouveia. Belo Horizonte: UFMG.

HATOUM, Milton (1989). *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras.

KRISTEVA, Julia (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco.

KURY, Lorelai (2001). Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v. 8 (suplemento), p. 863-80.

LISBOA, Adriana (2010). *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco.

NOLL, João Gilberto (2004). *Lorde*. São Paulo: Francis.

- PIÑON, Nélida (1984). *A República dos sonhos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- POZENATO, José Clemente (1985). *O quatrilha*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- RUFFATO, Luiz (2009). *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SAID, Edward (1995). *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto (1988). As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- SÜSSEKIND, Flora (1990). *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- VIDAL, Paloma (2009). *Algum lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- VIDAL, Paloma (2012). A escrita performática de João Gilberto Noll. *Revista Teresa*, São Paulo, n. 10/11, p. 300-11.

Recebido em maio de 2014.

Aprovado em julho de 2014.

resumo/abstract

Em viagem: sobre outras paisagens e movimentos no romance contemporâneo

Maria Isabel Edom Pires

Sobre os diferentes deslocamentos de alguns protagonistas na literatura brasileira, talvez se possam destacar, no romance *Lorde*, de João Gilberto Noll, alguns aspectos que variam em gradação, como a consciência do exílio, a experiência entre dois mundos e o contato com a clandestinidade. Personagens que transitam nos romances *Algum lugar*, de Paloma Vidal; *Azul-corvo*, de Adriana Lisboa; e *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato, também apontam para essas motivações, encarnam a migração contemporânea e assinalam mapas culturais diversos. Pretende-se aqui indagar sobre os pontos de convergência entre as referidas obras, refletindo sobre como a literatura brasileira tem pensado a viagem a partir de alguns momentos fundamentais da sua constituição.

Palavras-chave: literatura brasileira, viagem, migrante, exílio, clandestinidade.

While traveling: on other landscapes and movements in the contemporary novel

Maria Isabel Edom Pires

On the different dislocations of some protagonists in Brazilian literature, we may highlight, in João Gilberto Noll's novel *Lorde*, some aspects which vary in gradation, such as the consciousness of exile, the experience between two worlds and the contact with clandestinity. Characters which travel in the novels *Algum lugar*, by Paloma Vidal; *Azul-corvo*, by Adriana Lisboa; and *Estive em Lisboa e lembrei de você*, by Luiz Ruffato, also point out to those motivations, embodying the contemporary migration and indicating diverse cultural maps. We aim to question about the convergence points between these novels, pondering on how Brazilian literature is thinking about traveling from some fundamental moments of its constitution.

Keywords: Brazilian literature, travel, migrant, exile, clandestinity.